

Rodrigo M. F. de Andrade: “the right man in the right place”:

“O homem certo no lugar certo.” Essa descrição de Rodrigo M. F. de Andrade foi feita por Gilberto Freyre, em 1979, quando o conselho federal de cultura lembrava os 10 anos de morte do intelectual e homem público que estamos homenageando nesta semana que marca os 115 de seu nascimento.

Amplamente reconhecido pelo primordial trabalho na proteção e divulgação do patrimônio cultural brasileiro, nuances da atuação de Rodrigo, fora do Patrimônio, começam a aparecer com frequência cada vez maior, à medida que são publicadas memórias, correspondências de intelectuais e pesquisas originárias de dissertações e teses de doutorado que tem como objeto a vida intelectual brasileira dos anos de 1920 ao final de 1960.

Pouco sabemos sobre sua infância, apenas que perdeu o pai cedo e foi criado na casa dos avós maternos, em Belo Horizonte. Um marco significativo de sua trajetória é a mudança para a França, em 1910, para realizar seus estudos secundários. Levado pelo tio, o escritor Afonso Arinos (1868 – 1916), Rodrigo foi matriculado no *Lycée Janson de Sailly*, um prestigiosa escola internacional em Paris, voltada para a educação de filhos de famílias importantes de diversas partes do mundo. Durante dos anos no *Janson de Sailly*, Rodrigo foi contemporâneo do arquiteto Flávio de Carvalho e do fotógrafo Pierre Verger.

Pelas correspondências frequentes com a mãe¹, nas quais, muitas vezes Rodrigo enviava seus boletins, somos informados que o jovem Rodrigo era um aluno destacado pelas excelentes notas que obtinha e que, não raro, recebia elogios de seus professores quanto ao rendimento e disciplina.

Na ausência da figura paterna, o tio escritor assumiu a responsabilidade pela formação de Rodrigo, e como revelou Alceu Amoroso Lima “tinha Rodrigo como o filho que a providência lhe negara”, uma vez que o casal Afonso Arinos e Antonieta Prado tiveram apenas duas meninas.

A convivência e o aprendizado com tio intelectual foram extremamente importantes na formação do jovem Rodrigo, que acreditamos ter herdado do sertanista o interesse profundo pelo Brasil, o apego à tradição e o compromisso na conformação de um projeto nacional que tinha na cultura o antídoto para superar o atraso e a falta de unidade nacional. A presença de Arinos na cena intelectual brasileira nas duas primeiras décadas do século

¹ Fundação Casa de Rui de Barbosa/ Fundo Rodrigo Melo Franco de Andrade

passado² é da maior importância na afirmação de uma identidade nacional pautada na tradição e na valorização da história do Brasil e, de Minas, como um trunfo a ser mobilizado rumo a civilização. A importância do sertanista como formador de mentalidades entre a elite culta da época e, ainda sobre Paulo Prado, patrono e agente das vanguardas paulistas foi revelada em um excelente livro de Nicolau Sevcenko³.

A vivência com o tio e a temporada francesa foram interrompidas em 1916, quando o autor de *Pelo Sertão* morre a bordo de um navio espanhol, com apenas 47 anos. Rodrigo retorna ao Brasil meses depois e, em seguida, ingressa no curso de Direito, período em que divide o tempo entre seus estudos e um emprego de bancário. Formado em 1919, começa a trabalhar no Departamento nacional de obras contras as secas (DNOCS), onde permanece até 1927, quando o diretor e amigo Miguel Arrojado Lisboa pede demissão e Rodrigo o acompanha. Essa experiência que lhe rendeu um grande conhecimento sobre os problemas nacionais, bem como um valioso aprendizado sobre o funcionamento da administração pública federal.

Paralelamente às atividades no DNOCS, trabalhou como advogado e também em vários jornais. A partir de 1926 assumiu a chefia de redação da prestigiosa *Revista do Brasil*, auxiliado por seu inseparável amigo, Prudente de Moraes, Neto, a quem Gilberto Freyre chamava de *irmão gêmeo* de Rodrigo. Na revista, sua habilidade de administrar dissensos trouxe grandes ganhos ao modernismo, ainda em fase de aceitação. Driblando a direção composta por intelectuais conservadores como Alfredo Pujol e Pandiá Calógeras, Rodrigo e Prudente conseguiram colocar nas páginas do periódico textos de jovens escritores modernistas, como Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira.

Uma de suas mais marcantes características foi a capacidade agregadora e conciliadora. Articulou membros relevantes da intelectualidade mineira, paulista, carioca e nordestina e, mais tarde, desempenharia papel seminal na migração do ideário modernista para o campo político e sua conversão em políticas públicas renovadoras.

Em 1930 é nomeado chefe de gabinete do mineiro Francisco Campos, chamado a organizar o novo Ministério de Educação e Saúde. Uma de suas primeiras ações foi nomear o jovem arquiteto Lúcio Costa para reorganizar o ensino da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Lúcio Costa conta em *Registro de uma vivência* (1995) que recebeu com surpresa o bilhete de Rodrigo M. F. de Andrade, a quem nunca tinha visto, para comparecer ao ministério. Com o aceite do arquiteto, iniciava-se uma relação profissional e

² Tratei disso em minha dissertação de mestrado, *Relíquia e esperança: “Ouro Preto e as políticas de preservação no Brasil”* (CPDOC/FGV, 2010)

³ SEVCENKO, N. *O Orfeu Estático da Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

de amizade que duraria décadas. Foi também pelas mãos de Rodrigo que Carlos Drummond de Andrade entrou para a vida pública.

Em 1928, em um encontro em Belo Horizonte, Drummond confidenciou ao amigo que passava por dificuldades financeiras e que os recursos recebidos pelos trabalhos em jornais não eram mais suficientes para manter a família que tinha acabado de aumentar com a chegada da primeira filha, Julieta. Em poucos dias, Drummond seria chamado por Francisco Campos para trabalhar com ele na secretaria do interior do governo de Minas. De BH para o Rio, Drummond ficaria no serviço público até se aposentar. Só no Patrimônio ficou 17 anos, de 1945 a 1962.

Sobre sua atuação no SPHAN, são inúmeros e valiosíssimos os trabalhos que temos à nossa disposição. Pesquisadores como Lia Motta, Márcia Chuva, Silvana Rubino, Cecília Londres, Mário Chagas, Mariza Veloso Santos, Lúcia Lippi, José Reginaldo Gonçalves, Cintia Carli, Laura Xavier, Paulo Arantes, Lauro Cavalcanti, entre outros, desenvolveram pesquisas obrigatórias sobre o tema. Merecem menção especial os volumes de textos e entrevistas de Rodrigo M. F. de Andrade, reunidos e publicados pelo IPHAN, fontes primordiais para estudarmos seu pensamento. Recentemente, o Copedoc/IPHAN tem publicado, através da coleção “Memórias do patrimônio”, importantes entrevistas de funcionários que colaboraram na primeira fase do órgão. Sem esse esforço institucional, as pesquisas seriam, inegavelmente, mais difíceis.

A importância de Rodrigo no campo de patrimônio é profunda e ainda demanda muitos esforços de pesquisa. Um dado relevante a se destacar é sua autoria sobre o projeto que organizou o Serviço. É comum a atribuição da autoria a Mário de Andrade, quando temos muitas evidências que do projeto, generosamente, elaborado pelo autor de *Paulicéia desvariada*, muito pouco foi aproveitado. Mário Chagas já havia informado a autoria de Rodrigo no projeto aprovado pelo decreto-lei 25/37, em sua dissertação de mestrado, *Há uma gota de sangue em casa museu*, de 1997, na qual, comparou o ante-projeto de Mário e o projeto final. O trabalho foi publicado em forma de livro com o mesmo nome, em 2006.

Em uma entrevista⁴ ao jornal *O Globo*, em 04/12/1937, perguntado sobre a redação final do projeto de organização do SPHAN, Rodrigo assim respondeu: “devo louvar aqui o trabalho do Sr. Mário de Andrade, que elaborou um projeto magnífico, porém de difícil aplicação entre nós, pois nossas verbas não dariam para atender suas determinações.”

No último número da *Revista do Patrimônio*⁵, Márcia Chuva recupera um depoimento importante da museóloga Lygia Costa, que entrou para o IPHAN em 1950, e

⁴ Arquivo Central/IPHAN

⁵ RPHAN, n°34, 2012, p. 148.

através do qual, podemos verificar como esse protagonismo atribuído a Mário na memória sobre a instituição, foi uma construção *a posteriori*.

Quando entrei para o Patrimônio, não falávamos do Mário de Andrade, como autor do projeto da criação do SPHAN, pois o plano que ele fez, em 1936, a pedido do ministro Capanema, não foi significativo para o Patrimônio (...) Não se trata de um projeto de Mário de Andrade. As ideias de Mário de Andrade sobre arte popular, sobre antropologia, foram um elemento enriquecedor para o projeto. Mas tudo o mais veio do Dr. Rodrigo e da equipe dele (Prudente de Moraes, Neto e Afonso Arinos trabalharam com ele antes da formação da equipe de arquitetos). Grande contribuição de Mário de Andrade para o Patrimônio foi ter-nos dados Luis Saia.⁶

Com esse rico material à disposição, tenho me lançado a investigar outras esferas da atuação de Rodrigo, como seu papel como historiador e pesquisador, sua responsabilidade no desenvolvimento das artes plásticas no Brasil, seu trabalho como contista, leitor, revisor e comentador de obras da monta de *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Raízes do Brasil* (1936), entre outras coisas. Tenho também me dedicado a investigar sua interlocução e colaboração com estudiosos estrangeiros. Um dos casos mais relevantes é sua longa relação com o historiador francês, Germain Bazin, cujo trabalho sobre a arte religiosa no Brasil e sobre Aleijadinho, foram fundamentais na consagração do barroco brasileiro como capítulo da história da arte universal.

Merece destaque seu papel na profissionalização da história da arte no Brasil, encomendando, incentivando, orientando pesquisas e publicando na *Revista do Patrimônio* e nas *Publicações do SPHAN*. Rodrigo tinha perfil de orientador, como muitíssimo bem, assinalou Mariza Veloso ao cunhar a expressão “academia SPHAN”, trazendo essa fina contribuição para entendermos aquele órgão muito além de um espaço meramente burocrático, mas que pelas mãos de Rodrigo, ganhou ares de uma instituição de produção e reprodução de conhecimento. O IPHAN, ainda hoje, possui muito forte essa marca.

Outro aspecto que merece ser lembrado é a generosidade e obstinação, com as quais, Rodrigo investia na formação dos técnicos do Serviço. Transformou sua própria secretária Judith Martins em uma habilidosa pesquisadora sobre os artistas e artífices mineiros. São inúmeros os colaboradores do SPHAN nos Estados, que estimulados e apoiados pelo chefe iam muito além de suas tarefas e estudavam, pesquisavam e vasculhavam arquivos em busca de documentação histórica sobre o acervo inventariado.

Em homenagem a seu aniversário, está sendo lançado hoje em Belo Horizonte, um

⁶ RPHAN, n.34, 2012:148.

livro organizado pelo historiador Amílcar Martins, que reúne a correspondência entre o diretor do SPHAN e Manuel de Paiva, pesquisador que percorreu arquivos em várias cidades coloniais e levantou a documentação que atestava a autoria de Antônio Francisco Lisboa, o *Aleijadinho* à maior parte de suas obras, que até os anos de 1940, permaneciam sob dúvida.

Aposentado do IPHAN, em 1967, Rodrigo ainda se empenhou em outros projetos, entre eles, o Conselho Federal de Cultura, do qual foi um dos criadores e mais ativos membros. Colaborou também com o roteiro do longa *Macunaína*, dirigido por seu filho, Joaquim Pedro e adaptado do livro homônimo de Mário de Andrade. O Filme estreou poucos meses após o falecimento de Rodrigo.

Vanuza Moreira Braga é doutoranda em História e desenvolve a tese: *Rodrigo M. F. de Andrade: modernismo, amizade e projeto nacional*, sob a orientação de Lucia Lippi Oliveira, no Cpdoc/FGV. É coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu *História, Patrimônio e Cidade*, na Universidade Cândido Mendes.